

HT-212



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
**FACULDADE DE LETRAS E  
CIÊNCIAS SOCIAIS**  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**TEMA: A DINÂMICA MIGRATÓRIA DE MOÇAMBICANOS  
PARA SUAZILÂNDIA E TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-  
ECONÓMICAS NAS COMUNIDADES LOCAIS DE NAMAACHA,  
1984-1992.**

“Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em História da Universidade Eduardo Mondlane”

**Bernardo António Muendhane**

Maputo, 2006

**A DINÂMICA MIGRATÓRIA DE MOÇAMBICANOS PARA SUAZILÂNDIA E  
TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-ECONÓMICAS NAS COMUNIDADES LOCAIS  
DE NAMAACHA, 1984-1992**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em História da Universidade Eduardo Mondlane por Bernardo António Muendhane

Universidade Eduardo Mondlane  
Faculdade de Letras e Ciências Sociais  
Departamento de História

Supervisor: Prof. Dr. Joel das Neves Tembe

Maputo, 2006

O Júri

O Presidente	O Supervisor	O Oponente	Data
<u>Dw. Hadyo</u>	<u>Joel</u>	<u>Joel</u>	<u>5,12,06</u>

MEM. - F.L.C.S.  
R. E. 31987  
DATA 12/12/2006  
AQUISIÇÃO [assinatura]  
COTA HT-212

## DECLARAÇÃO

“Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada na sua essência, para obtenção de qualquer grau, e ela constitui o resultado da minha investigação estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei “

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais por terem dado a maior força para elaboração do trabalho de licenciatura.

A minha mulher e filha pela paciência e ajuda durante a elaboração do trabalho

A minha família em geral em particular a minha irmã pela ajuda e pela força na elaboração do trabalho

## AGRADECIMENTOS

Ciente de que a concretização deste trabalho não seria possível sem o apoio indispensável de algumas pessoas, vai aqui expresso o meu agradecimento:

Ao Prof. Doutor Joel das Neves Tembe, supervisor do presente estudo, pela crítica construtiva e paciência dispensada ao longo da investigação.

Ao Prof. Doutor David Hedges, meu docente que com os valiosos conselhos contribuiu tanto na busca assim como na indicação de fontes de informação.

A todos os professores do curso de história, pelos instrumentos teóricos e metodologia de trabalho com que me municiaram ao longo do curso.

Aos meus colegas da turma e de curso de história, em especial a turma de 99, pelo clima de estudo e de camaradagem.

Aos colegas BIA, BILA, QUEMBO, HUMBERTO e JÚLIO entre outros não mencionados o meu muito obrigado nos momentos difíceis do curso.

A minha família e amigos pelo encorajamento dado pela compreensão ao longo da carreira estudantil.

Ao pessoal de diversas instituições, em particular aos meus entrevistados que contribuíram com informação de qualidade assinalável para este estudo.

Finalmente, a todos aqueles que de forma directa ou indirecta apoiaram –me na realização deste trabalho.

## RESUMO

O presente estudo tem como tema: A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio-económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

O distrito de Namaacha, é um distrito transfronteiriço por isso apresenta uma acentuada dinâmica de pessoas e bens para a Suazilândia.

A guerra civil a partir de 1984 é apontada por alguns autores como o factor crucial para a saída em massa da população de Namaacha para a Suazilândia.

Com o fim da guerra em 1992 alguns refugiados voltaram a terra outros não regressaram, tornando se emigrantes.

Os emigrantes em Namaacha contribuem para o rendimento familiar e comunitário.

A dissertação é constituída por quatro capítulos incluindo a introdução., constituída por: hipóteses, motivação e justificação, problemática e a metodologia.

O segundo capítulo compreende uma contextualização geográfica e sócio -económica.

O terceiro capítulo comporta as tendências de migração e o quarto comporta o impacto socio-económico das migrações para Suazilândia nas comunidades locais de Namaacha.

Uma das respostas a acentuada movimentação de pessoas e bens e o mukhero.

## GLOSSÁRIO

Bus ring- local de entrada e saída de autocarros e transportes públicos .

Delagoa bay – baía de delagoa , hoje baía de Maputo.

Nkhota – sistema no qual um estrangeiro fica sob protecção de um chefe.

Mukhero- processo no qual jovens e mulheres transportam mercadoria na cabeça para fugir ao fisco na fronteira de Namacha e Ressano Garcia.

Mukheristas – pessoas que praticam mukhero.

Xibalo- trabalho forçado .

RENAMO. Resistência Nacional de Moçambique, maior partido na oposição em Moçambique.

FRELIMO –Frente de Libertação de Moçambique, partido no poder em Moçambique.

## ÍNDICE

<b>Conteúdos .....</b>	<b>Pág.</b>
Declaração .....	ii
Agradecimentos .....	iii
Resumo da tese.....	iv
Glossário .....	v
<b>Capítulo I. Introdução.....</b>	<b>1</b>
1.1. Objectivos .....	2
1.2. Motivação e Justificação .....	3
1.3. Argumento.....	4
1.4. Periodização.....	5
1.5. Hipótese.....	6
1.6. Estrutura do trabalho.....	7
1.7. Metodologia.....	8
1.8. Revisão bibliográfica.....	9
<b>Capítulo II. Contextualização geográfica e sócio –económica</b>	
2.1. História da fronteira.....	11
2.2. Contextualização geográfica e socio-económica de Namaacha .....	12
2.3 Contextualização geográfica e socio-económica da Suazilândia.....	16
2.4 contextualização do movimento migratório para Suazilândia .....	20



### **Capítulo III. Dinâmica das migrações de Moçambique para Suazilândia**

3.1. Enquadramento regional e dinâmica da migração para Suazilândia.....	21
3.2. Tendências migratórias no período da guerra .....	24

### **Capítulo IV. Migrações para a Suazilândia e transformações sócio-económicas nas comunidades locais de Namaacha.....**

	29
--	----

4.1. Conclusão.....	40
---------------------	----

Bibliografia

Anexos

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

## I. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema: A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

Abordaremos como principal enfoque o impacto a nível sócio – económico da dinâmica migratório para Suazilândia no distrito Namaacha e o posto administrativo de Changanane.

A sede do distrito apresenta especificidades de um distrito fronteiriço, com maior dinâmica de pessoas e bens para Suazilândia e Africa do Sul.

A população da região Sul de Moçambique inicia as migrações por volta de 1850, com a ida para as plantações do Natal, e com a descoberta das minas de diamantes em Kimberley e de ouro em Witwatersrand daí o aumento do fluxo migratório.

Nesta região, as migrações têm padrões históricos antigos, que datam do século XIX quando a linhagem Ndlamini dominava a região de Delagoa bay.

Importa perceber até que ponto os emigrantes, com a sua dinâmica participam no rendimento das suas famílias.

A Suazilândia apesar de ser um país pouco hospitaleiro, encontram-se nela centenas de moçambicanos a trabalhar nas plantações de cana de-açúcar em Simunye e Big-Bend,

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

outros ainda encontram-se a trabalhar no ramo automóvel como mecânicos, serralheiros, pintores, carpinteiros, sapateiros entre outras profissões<sup>1</sup>.

O conflito armado que assolou o país teve maior incidência na região Sul e a partir de 1984, famílias inteiras abandonaram Namaacha à procura de refúgio e de trabalho transfronteiriço na Suazilândia. Muitos membros destas famílias não viviam nos campos de refugiados criados para os acolher, preferiam viver como semi-legais, isto é (viver como semi-legais significava ter documentação do campo e trabalhar fora do campo) ou ilegais (sem nenhuma documentação) em Manzini e Mbabane, ou procurar meios para alcançar a África do Sul.

## **1.1 OBJECTIVOS**

Para a elaboração deste trabalho temos como pergunta de partida:

Até que ponto a dinâmica migratória transfronteiriça entre Suazilândia e Moçambique, especificamente em Namaacha contribui para as transformações sócio económicas para as comunidades do distrito?

## **OBJECTO DE ESTUDO**

O objecto deste estudo é analisar o impacto sócio-económico das migrações transfronteiriças para Suazilândia, 1984-1992, em particular ao nível das comunidades de Changalane e Namaacha.

---

<sup>1</sup> MCGREGOR, JoAnn., "Os moçambicanos na Suazilândia, 1888-1993".AHM.Maputo.1995.P11—14.

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

## **OBJECTIVO GERAL**

Analisar a dinâmica da migração para Suazilândia e o seu impacto na vida sócio – económica do distrito de Namaacha.

## **OBJECTIVOS ESPECÍFICOS**

- Contextualizar o movimento migratório para Suazilândia.
- Analisar as tendências das migrações em Namaacha.
- Identificar os factores da atracção de migração legal e clandestina na Suazilândia.
- Caracterizar o impacto das migrações nas comunidades rurais de Namaacha ao nível socio-económico com particular atenção ao sector agrário

## **1.2.MOTIVAÇÃO E JUSTIFICAÇÃO**

O que nos levou a optar por este tema prende-se pelo enfoque das migrações ao nível nacional e regional. Sendo a preocupação do estado os movimentos populacionais para uma melhor estratégia para desenvolvimento nacional.

A motivação pessoal justifica-se pelo facto de possuir família na Suazilândia, ter permanecido três meses nesta região, ter dialogado com emigrantes, e de uma forma peculiar este trabalho contribuir para o estudo desta região e de suscitar estudos mais aprofundados.

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

A escolha de Namaacha prende-se com a sua localização, pois situa-se próxima à cidade de Maputo onde resido e da facilidade de comunicação.

Ao analisar a questão do impacto das migrações para Suazilândia em Namaacha, pretendo fazer com base nos estudos efectuados por Mcgregor, Murray, Neves Tembe e Covane sobre o impacto das migrações no país e noutras regiões e comparar com o distrito que vou abordar<sup>2</sup>.

Portanto o conflito armado que iniciou na região Sul em 1984, a seca, as calamidades, podem ser evocados como factores que se repercutiram nas migrações da população.

### 1.3. ARGUMENTO

A dinâmica migratória na região Sul ocorre numa primeira fase nos anos 50 do século XIX, com a descoberta de ouro e diamantes em Witwatersrand e Kimberley, respectivamente e esse fluxo aumenta.

Nos distritos transfronteiriços da Suazilândia com Moçambique, ocorreram desde tempos longínquos migrações legais e clandestinas. Assim as relações transfronteiriças entre Namaacha e a parte Oriental da Suazilândia, fizeram desta

---

<sup>2</sup> MCGREGOR, JoAnn. "Os moçambicanos na Suazilândia, 1888-1993" AHM. Maputo. 1995..

MURRAY, Colin. *Families Divided : The impact of Migrant labour in Lesotho*. Cambridge. Cambridge University press. 1981.

NEVES-TEMBE, Joel das. *Economy, Society and Labour migration in central Mozambique, 1930-1960: a case study of Manica Province*. Phd Thesis. University of London . 1998.

COVANE, Luís António. *O Trabalho Migratório e a Agricultura no Sul de Moçambique (1920-1992)*. Maputo, Promédia. 2001.

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

região o refúgio de moçambicanos durante a guerra. Segundo MCgregor O reacender do conflito armado em 1984 na região Sul de Moçambique permitiu o incremento de refugiados moçambicanos e emigrantes clandestinos na Suazilândia.

A questão crucial é saber qual o impacto desta migração clandestina e legal para as populações de Namaacha, a nível sócio-económico.

No seu livro, “ families divided “ Murray sustenta que o emigrante do Lesotho migrava na indisponibilidade de emprego, terra e grande parte do rendimento ganho na África do Sul era aplicado na agricultura, no pagamento de lobolo, no investimento em gado e em infra-estruturas.

A tese de Murray é também enfatizada por Neves – Tembe e Covane nas suas dissertações, ainda que Tembe considere que o “Know-How “ aprendido na Rodésia também permite a melhoria qualitativa das técnicas de produção e do nível social das comunidades na zona central de Moçambique.

A Suazilândia teve um crescimento económico no pós Segunda Guerra Mundial, o que permitiu desenvolver as suas indústrias de cana sacarina, citrinos, as grandes farmas do norte, as minas de ferro. Estas empreendimentos necessitavam de muita mão de – obra. Assim, acorreram as indústrias Suazis muitos moçambicanos, malawianos e sul – africanos.

Estes acorriam numa primeira fase a procura de emprego, depois fugindo da seca, da guerra, cheias entre outros fenómenos. Estes factores fizeram crescer o número de moçambicanos na Suazilândia, este ponto constitui uma problemática a abordar.

#### **1.4. PERIODIZAÇÃO**

A etapa de estudo, 1984-1992, desenvolve-se no contexto do período pós 1984, em que o conflito armado reacendeu na região Sul e repercutiu-se também em Namaacha. Este período de (1984-1992) conheceu maior influxo de emigrantes para Suazilândia segundo McGregor.

Com o Acordo Geral de Paz, foram criadas as condições para o reassentamento da população.

#### **1.5. HIPÓTESES**

A pesquisa desenvolve-se sob as seguintes hipóteses:

- As migrações transfronteiriças de Namaacha para Suazilândia constituíram um factor relevante na sustentabilidade das comunidades rurais em épocas de calamidades e guerra.
- A migração permitiu ao emigrante a compra de charrua e gado possibilitando ao sector agrário uma maior rentabilidade.

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

- Ainda de uma forma não generalizada a migração possibilitou uma ascensão social da família do emigrante.

## 1.6. ESTRUTURA DO TRABALHO

A dissertação vai constituir-se em quatro capítulos.

O primeiro capítulo comporta a introdução, as hipóteses, a motivação e justificação, a metodologia e a metodologia

O segundo capítulo compreenderá uma contextualização geográfica e sócio-económica da região.

Ainda no segundo capítulo abordarei o contexto em que se produz o movimento migratório para Suazilândia, tentar perceber a partir de quando é que se imigra e suas motivações.

O terceiro capítulo aborda as características gerais e dinâmica das migrações, em Moçambique, em particular na zona Sul.

As tendências da migração fazem parte do terceiro capítulo.

O quarto é o último capítulo avalia as migrações para Suazilândia e transformações sócio-económicas nas comunidades locais de Namaacha e por fim as conclusões.



A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

### 1.7.METODOLOGIA

A dissertação baseou-se sob pesquisa bibliográfica de leituras exploratórias no AHM (Arquivo Histórico de Moçambique), na biblioteca da Faculdade de Letras e Ciências Sónias, no CEA (Centro de Estudos Africanos), no ARPAC, CEP na administração do distrito. As leituras exploratórias foram complementadas pelo trabalho de campo realizado em Namaacha e Changalane.

O trabalho de campo decorreu de Novembro a Dezembro de 2005, tendo privilegiado as entrevistas individuais e colectivas a informantes chave desde autoridades administrativas locais, depoimentos dos serviços de migração e chefes comunitários. Após o trabalho de campo seguiu-se um apurado confronto do material teórico e do material empírico resultante do trabalho de campo, e por fim a análise e síntese do trabalho.

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

### 1.8. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Não existem obras específicas sobre a região em estudo, Porém existem obras que abordam o impacto das migrações no país e noutras regiões, que serviram de base para ajudar a construir o meu argumento. Assim, foi necessário recorrer aos estudos de Luís Covane, Patrick Harries, Adérito Machava, Colin Murray, António Matucho, JoAnn Mcgregor e Ruth First.

Neves Tembe, ao analisar o impacto das migrações transfronteiriças de Manica para Rodésia salienta que a população migrava em busca de alternativas face a deficitária produção agrícola e de oportunidades de emprego atraídos pelos melhores salários. O impacto nas economias locais uma vez que possibilitam a melhoria das condições de vida, os emigrantes traziam consigo o "know-how" de alguma profissão que lhes permitiu a ascensão social no meio local<sup>3</sup>. Covane, noutra perspectiva, ao analisar o impacto do trabalho migratório na agricultura foca que os rendimentos do trabalho migratório eram investidos no desenvolvimento da agricultura, na criação de gado, no pagamento de lobolo e ajudavam na criação de elites locais no baixo Limpopo, como advoga Ruth First. Esta autora<sup>4</sup>, sustenta que o trabalho migratório é um elemento que permite a aquisição de bens e acumulação de dinheiro e permite a emergência de elites rurais. Murray<sup>5</sup>, aborda o impacto do trabalho migratório no Lesoto enfatizando

---

<sup>3</sup> NEVES-TEMBE, Joel das. *Economy, society and labour migration in Central Moçambique, 1930-1960: a case study of Manica Province*. PhD Thesis. University of London. 1998.

<sup>4</sup> FIRST, Ruth. *Black-Gold. The Mozambican Miner, Proletarian and Peasant*. New York: ST. Martin's press. 1983

<sup>5</sup> MURRAY, Colin. *Families Divided: The Impact Of Migrant Labour In Lesotho*. Cambridge. Cambridge University press. 1981.

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

que o trabalho migratório permite o desenvolvimento da agricultura, criação de gado e sustenta a importância do pagamento de lobolo.

Machava<sup>6</sup>, na sua tese sobre Matutuíne sustenta que não obstante o trabalho migratório ter permitido a emergência de elites locais a guerra desestruturou essa elites e dificultou a emergência de algumas elites locais. Este apresenta exemplo de moçambicanos que investiam nos transportes e na agricultura ao nível de Matutuíne e rejeita a opinião de Covane de que só os letrados conseguiam capitalizar os seus rendimentos. Mcgregor<sup>7</sup> no seu artigo “os moçambicanos na Suazilândia”, sustenta que a guerra foi o factor que dinamizou a migração a partir de 1984 tanto a legal como a clandestina. Mcgregor salienta ainda que apesar da Suazilândia ser um país pouco hospitaleiro nela encontra muitos moçambicanos empregues nos diversos sectores de trabalho e alguns a viver sob o sistema de “Nkhota<sup>8</sup>”. Harries<sup>9</sup>, destaca a contextualização das migrações para Africa do Sul desde o tempo de Ngungunhane até ao presente. Este foca principalmente o papel dos mineiros no desenvolvimento da sociedade capitalista sul-africana e permite compreender a dinâmica migratória de Moçambique para Africa do sul. Por fim Matucho<sup>10</sup> na sua tese sobre os

---

<sup>6</sup> MACHAVA, Adérito Júlio. *Migrações transfronteiriças e transformações sociais em Matutuíne. 1970s-2000*. Tese de licenciatura. Universidade Eduardo Mondlane. 2003.

<sup>7</sup> MCGREGOR, JoAnn. *Os Moçambicanos na Suazilândia, 1888-1993*. Arquivo N 17. Maputo. 1995.

<sup>8</sup> NKHOTA – Sistema no qual um estrangeiro fica sob protecção de um chefe na Suazilândia.

<sup>9</sup> HARRIES, Patrick. *Work, Culture and Identity: Migrant labour in Mozambique and South Africa, c. 1850-1910*. Witwatersrand. 1994.

<sup>10</sup> MATUCHO, António. Uma contribuição para o estudo dos assentamentos urbanos: o caso da vila de Namaacha, 1960-1966. Tese de Licenciatura. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo. 1996.

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

assentamentos urbanos, o caso da vila de Namaacha, destaca os diversos aspectos sócio – económicos de Namaacha, desde solos, comércio, população, e alguns aspectos sobre migração.

## II.CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E SÓCIO-ECONÓMICA

### 2.1. HISTÓRIA DA FRONTEIRA

Foi precisamente a Sul da província que se tornou necessária a delimitação de territórios. Portugal e a República da África Meridional, assinaram em Pretória nos meados de Julho de 1869 um tratado no qual estipularam o limite de 26 30'. Isto é, compreendia toda a baía e continua a oeste até alcançar os montes Libombos.

Assim é contra a fixação da fronteira nesta latitude que a Inglaterra reclama em 1879, ano em que o tratado foi ratificado, afirmando que Portugal ocupara parte de territórios que outrora pertenceram a Tembe e Maputo e que estes prestavam à vassalagem a Inglaterra. É neste contexto que os dois governos acordaram submeter à questão a arbitragem. A sentença foi dada três anos depois por Mac-Mahon, e era inteiramente favorável a Portugal confirmando os limites estipulados no tratado de 1869<sup>11</sup>. Mais tarde o régulo da Suazilândia protestou afirmando que o seu país

---

<sup>11</sup> MATOS, Luís. *As fronteiras de Moçambique. In Moçambique curso de de extensão Universitário. Ano de 1964-1965.* Lisboa. 1965.

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

estendia até as vertentes orientais dos montes libombos numa extensão de 16 milhas.

Daí uma comissão mista criada para tal efeito chumbou o protesto confirmando os limites de 1869. deste modo a fronteira apresenta um arame farpado na sua extensão, e não se encontra electrificada.

## 2.2. CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E SÓCIO-ECONÓMICA DE NAMAACHA

Namaacha é um distrito da província do Maputo que dista da cidade do Maputo `a 75 quilómetros. Este distrito apresenta dois postos administrativos: Namaacha sede e Changalane, possui ainda oito localidades.

Na sede do distrito existem quatro localidades que são: Namaacha – sede, Impamputo, Mafuiane e Culula. Por outra O posto administrativo de Changalane apresenta quatro localidades: Changalane-sede, Michangalane, Mailane e Goba.

O distrito de Namaacha fica situado a Oeste da província do Maputo, sendo delimitado a norte pelo distrito da Moamba, a sul pelo distrito de Matutuíne, a oeste pela República da África do Sul e pelo Reino da Suazilândia.

A vila de Namaacha esta situada no extremo oeste do distrito entre as coordenadas 25 29' de latitude sul, 32 01 'de longitude este<sup>12</sup>. O distrito ocupa uma superfície de 2.144 quilómetros quadrados, com uma densidade populacional de aproximadamente 20 habitantes por quilómetro quadrado.

---

<sup>12</sup> Matucho. António. *os assentamentos urbanos: o caso da vila de Namaacha*. Maputo. 1996:15

Em 1997 a população era estimada em cerca de 42.364 habitantes. Este distrito apresenta um clima suave durante a maior parte do tempo, faz frio devido as montanhas de Namaacha<sup>13</sup>.

O relevo da vila de Namaacha é de planalto médio e muito elevado, principalmente no extremo norte e sudeste da vila.

grosso modo o clima de Namaacha é tropical de altitude, nas restantes partes do distrito é subtropical com Verão quente e húmido. A temperatura média anual é de 21 c, sendo Janeiro e Fevereiro os meses mais quentes, Junho e Julho os meses mais frios, com temperaturas médias que variam de 18 e 24 c.

O período chuvoso tem duração de 7 meses (Outubro a Abril) e o período húmido tem duração de 3 meses (Janeiro a Março).

No período pós 1984 a guerra intensificou-se no sul de Moçambique. Deste modo Namaacha não escapou aos violentos ataques da Renamo o que obrigou muitas pessoas a procurarem refúgio e trabalho transfronteiriço na vizinha Suazilândia e África do Sul.

O facto do distrito ser fronteiriço dá vantagens as suas populações para atravessarem a fronteira sem grandes complicações policias e alfandegária, isto é os residentes da

---

<sup>13</sup>ACNUR/PNUD. Perfil distrital de Namaacha. 1997

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

vilas de Namaacha apresentam um cartão que lhes permite a travessia e fazer compras do outro lado da fronteira ( Suazilândia).

A principal actividade económica do distrito de Namaacha é agricultura, ainda pratica-se agricultura moderna (em Mafuiane) e agricultura de sequeiro na maior parte do distrito. O milho é a cultura mais cultivada seguindo o feijão, amendoim, mandioca, batata-doce e hortícolas.

As principais zonas agrícolas são: Changalane, Impamputo e Mafuiane.

O distrito de Namaacha concretamente no posto administrativo de Changalane apresenta boas condições para prática de agricultura.

Neste âmbito foram instalados no tempo colonial algumas unidades empresariais como: a Empresa Pecuária Sul do Save, conhecida por Cardiga com 22000 ha e a Sociedade Pecuária de Maziminhana mais tarde concessionadas a Lomaco e a João Ferreira Dos Santos<sup>14</sup>.

Changalane é conhecido pelo seu potencial de carvão e lenha. Durante o período da guerra, esta actividade foi praticada por refugiados e por residentes locais. Importa referir que muitos dos residentes de Namaacha abandonaram o país durante a guerra.

A proximidade do distrito de Namaacha com países vizinhos torna intensa a actividade comercial daí que a maior parte dos produtos vendidos nas lojas

---

<sup>14</sup> Dava e Fanequisso 1996:2

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

comerciais e nos mercados informais são abastecidos por “*mukheristas*” que viajam a Suazilândia.

Muitos habitantes viveram nos campo de refugiados, outros preferiam viver como trabalhadores clandestinos em farmas ou ainda como mecânicos, alfaiates carpinteiros entre outras profissões. Na Suazilândia existem cerca de 20.000-30.000 moçambicanos a trabalhar como negociantes ou simples refugiados ou ainda a viver sob o sistema de “*Nkhota*”.

A dinâmica trans-fronteiriça entre Namaacha e Suazilândia possibilitou a existência do “*Mukhero*”.

“*Mukhero*” é uma actividade desenvolvida por cidadãos de Namaacha, que vivem num raio de 20 quilómetros da fronteira, maioritariamente jovens que com o benefício de puderem, pelo menos quatro vezes por semana, comprarem produtos de primeira necessidade para necessidades próprias com cartão de residente da vila, transportam produtos de luxo de certas pessoas que deviam pagar imposto e não o fazem. Em troca deste favor recebem algumas somas em dinheiro<sup>15</sup>. Praticam esta actividade cerca de 13000 pessoas<sup>16</sup>, sendo quarta-feira e sábado conhecidos como os dias de *Mukhero*<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> Pires, Elizete Márcia Pinto. Monografia do distrito de Namaacha. Maputo. Dissertação. Departamento de Geografia. UEM. 1995:60

<sup>16</sup> Estima-se esse número, existe um acordo entre o distrito e as autoridades migratórias para tal; travessia..

<sup>17</sup> factos constatados por mim próprio em 2003.



A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

### 2.3. CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E SÓCIO-ECONÓMICA DA SUAZILÂNDIA

A Suazilândia é um pequeníssimo país da África Austral em termos de população e área. Com uma área de 17,364 km<sup>2</sup>, esta subdividida em quatro regiões nomeadamente: Highveld (alta estepe), Midleveld (média estepe), Lowveld (baixa estepe) e Lubombo<sup>18</sup>.

A população é marcadamente homogénea e partilha uma língua comum e tradição. A densidade populacional é de 28,5 habitantes por quilómetro quadrado.

Entre os paralelos 25 25' latitude sul não tem acesso directo ao mar, localizado no sul oriental de África encontra-se entre a República de Moçambique e a República Sul-africana. O porto mais próximo é Maputo à 225 quilómetros, Joanesburgo, centro comercial e industrial da África do Sul dista à 390 quilómetros.

A Suazilândia é bem fértil, tem imensos rios com significativo potencial para irrigação e produção. Os principais rios são: Mlumatí, Mbuluzi, Lusutfu, Ngwavuma, que irrigam plantações que produzem citrinos, açúcar, arroz, algodão e vegetais.

A temperatura e a queda de chuvas dependem das zonas ecológicas do país. O Highveld é húmido com queda de chuvas anuais entre 1000 a 2300 e com temperaturas mínimas que variam de 22,6 a 10,8 .

---

<sup>18</sup> Third National Development plan 1978: 3

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

O Middleveld e Lubombo são secos, com quedas de chuva entre 650 e 1150 mm e é subtropical.

Com uma população de 519,957 habitantes em que 494,534 são residentes permanentes e 25.425 são temporariamente ausentes, muitos deles empregues como trabalhadores imigrantes na África do Sul. A Suazilândia é um modesto fornecedor de trabalhadores para Africa do Sul e não ultrapassa os 15 000 trabalhadores nos anos 80<sup>19</sup>.

A Suazilândia desenvolveu a seguir Segunda Guerra Mundial um sector industrial bastante próspero. Foram feitos investimentos em aventuras mineiras pela corporação Anglo-Americana, que abriu na Suazilândia uma mina de carvão que continua a operar<sup>20</sup>. O desenvolvimento da indústria de asbetos, os citrinos, as farmas de açúcar como Big Bend, Simunye Sugar teve como consequência um afluxo de migrantes ao país, e a mão-de-obra estrangeira era mais barata para o capital estrangeiro pois os trabalhadores não traziam família. Todos os “ output” eram exportados para o Japão via porto de Lourenço Marques (Maputo) Principalmente o carvão e açúcar.

A maior parte do sector mineiro e do sector agro – industrial é controlado pelo capital Britânico e sul-africano que são os principais investidores do país.

O sector bancário na Suazilândia é controlado pelos grupos Standard e Barclays que são Britânicos e o governo possui 40% das acções dos bancos.

---

<sup>19</sup> BOOTH, ALAN. *Swaziland: tradition and change in Southern Africa Kingdom*. England.1983.

<sup>20</sup> BOOTH, Alan. *Swaziland: Tradition and change in southern Africa Kingdom*. England.1983

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

O sector do turismo é um dos sectores mais prósperos da Suazilândia, o grupo Sun Internacional, com os seus 4 hotéis, o extremamente lucrativo Royal Swazi Sun e Nhlangano Sun e a sua rede de casinos permitem a entrada de capital ao país.

O principal produto de exportação nacional é o açúcar, que contribui a partir dos anos 80 com mais de 50% para o PIB, também destacam-se a madeira e os citrinos<sup>21</sup>.

O sector do açúcar emprega a maior quantidade de mão-de- obra cerca de 60 mil trabalhadores.<sup>22</sup>

A indústria manufactureira e o sector comercial são monopolizados pelo grupo Kirsch que controla também o plantio de milho e a sua importação.

A Suazilândia importa 90% dos seus artigos da África do Sul que entram com isenção de impostos. Este país tem paridade monetária com a África do Sul desde o tempo colonial.

Após a independência a família real transformou-se numa burguesia compradora criando a Tibiyo Taka Ngwane que significa a riqueza da nação Suazi que controla o investimento no sector mineiro. Esta organização não presta contas ao parlamento somente ao Rei, que em comparticipação com o sector sul-africano controla o sector mineiro. A família ainda tem o seu próprio jornal (Swazi observer), investiu na Swazi Air Lines entre outros investimentos<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup> Idem

<sup>22</sup> Ibidem.

<sup>23</sup> . BOOTH, Alan ,R. 1983 .Swaziland : *Tradition and change in Southern Africa Kingdoon* ,p.1o3.

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

A "Tibiyo" pertence à nação Swazi, mas dela ninguém tira dividendos apenas o Rei e os seus colaboradores mais próximos, não se sabe da sua contabilidade nacional, pois não há contabilidade nos balanços da Tibiyo.

A maioria da população da Suazilândia é descrita como camponeses, e são um reservatório de mão-de-obra barata para o capital mineiro sul-africano.

Existem cerca de 72,117 profissionais, semi-profissionais e não profissionais empregados em todos sectores de actividade.

Cerca de 11,048 Swazis estão a trabalhar na África do Sul, o sector manufactureiro Swazi é o maior empregador com cerca 13,880 trabalhadores nos sectores privado e estatal, dos quais 3,548 são mulheres e ainda alguns estrangeiros.

As quatro minas existentes no norte e sul do país (asbestos –Havelock, carvão-Mpaka) empregavam cerca de 2,580 pessoas em 1981<sup>24</sup>.

#### 2.4. CONTEXTUALIZAÇÃO DO MOVIMENTO MIGRATÓRIO PARA SUAZILÂNDIA

Os Fluxos de migração para Suazilândia têm padrões históricos muito antigos.

Numa primeira fase ocorreram para a Suazilândia, populações moçambicanas incorporadas no pagamento de imposto à linhagem Ndlamini no século XIX.

As populações do sul de Moçambique mais concretamente na região dos Libombos e em volta da Delagoa Bay pagavam um imposto tradicional às autoridades Swazis e

<sup>24</sup> DAVIES, Robert. O'MEARA, Dan. DLAMINI, Siph. *The Kingdom of Swaziland. Profile.* Zed Books. 1985

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

um imposto de palhota as autoridades Portuguesas<sup>25</sup>. Por outro lado população da Delagoa Bay prestava serviços de vassalagem a linhagem Ndlamini em termos militares e económicos<sup>26</sup>.

Com a instalação da fronteira em 1888 muitos chefes deixaram de possuir ligações com a linhagem Ndlamini deixando de pagar o imposto por conseguinte as ligações desfizeram -se<sup>27</sup>.

A segunda vaga de migrações ocorre com o fim da Segunda Guerra Mundial, em que a Suazilândia entrou numa era de prosperidade, que teve como consequência o desenvolvimento de farmas de citrinos e da indústria do açúcar, floresta, minas de ferro, asbetos e ouro (sem sucesso).

Este desenvolvimento fez ocorrer um fluxo de migrantes ilegais e legais a procura de trabalho. Acorreram para lá, moçambicanos, sul-africanos e malawianos, há a destacar que alguns moçambicanos foram incorporados na nação Swazi sob o processo do Nkhota possibilitando-os o acesso a terra, ao gado e outras facilidades<sup>28</sup>.

Uma terceira vaga de migrações ocorre no período da guerra civil em Moçambique a partir de 1984, quando a guerra chegou ao sul de Moçambique.

---

<sup>25</sup> Mcgregor, JoAnn. *Os moçambicanos na Suazilândia, 1888-1993*. AHM.17. Maputo 1995. p11-12

<sup>26</sup> Idem.

<sup>27</sup> IDEM.

<sup>28</sup> BIDEEM.

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

Foram famílias inteiras que deixaram o país e procuraram refúgio junto aos Suazis ou foram concentrar-se em campos de refugiados criados para os acolher, estima-se cerca de 10.000 moçambicanos refugiaram-se na Swazilândia.

Deste modo muitos moçambicanos preferiram viver como semi-legais ou ilegais, trabalhando como negociantes, vendendo artigos moçambicanos ou sul-africanos, outros ainda procuravam caminhos que os levassem para África do Sul. É possível que tenham ocorrido outras vagas de migrações para Suazilândia, porém apresento três conforme o estudo de McGregor. O parentesco que une as famílias de Lomaacha e Namaacha permitiu que famílias inteiras se refugassem na vizinha Suazilândia e permitiu criar laços de dependência entre os dois lados da fronteira. Era notório, no tempo colonial, os habitantes dos dois lados da fronteira fugirem do trabalho forçado e do pagamento de impostos e procurarem refúgio do lado moçambicano ou suázi consoante o caso.

### III.

#### DINÂMICA DAS MIGRAÇÕES DE MOÇAMBIQUE, PARA SUAZILÂNDIA.

##### 3.1 ENQUADRAMENTO REGIONAL E DINÂMICA DAS MIGRAÇÕES PARA SUAZILÂNDIA.

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

O trabalho migratório no Sul de Moçambique inicia por volta de 1850 com a ida as plantações do Natal, com a descoberta de diamantes em Kimberley em 1876 e de ouro em Witwatersrand em 1886, aumentando fluxo migratório.

A dinâmica migratória para Suazilândia, em padrões históricos antigos e inicia por volta dos anos 60-80 do século XIX, quando a linhagem Dlamini fazia incursões na região de " Delagoa bay". Os Dlamini necessitavam de mão-de-obra para incorporar na sua linhagem para fins militares e económicos.

As razões do porquê milhares de homens procuram trabalho e refúgio nos países vizinhos como: África do Sul, Swazilândia e Rodésia do Sul são políticas económicas, sociais e ambientais.

Vários autores como Mcgregor, Covane, Neves Tembe afirmam que a guerra, a fome, a seca, as calamidades naturais, a procura de emprego e de melhores condições de vida são factores que se repercutem na migração.

Vejamos por exemplo a situação no Sul de Moçambique onde as primeiras migrações para a África do Sul foram no tempo de Ngungunhane, em que centenas de homens procuravam trabalho nas farmas sul – africanas. Com o incremento do trabalho forçado milhares de homens fugiam ao trabalho forçado.

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

Cálculos feitos em 1920, a partir de dados estatísticos sul – africanos mostram que no período de oito anos, de 1905 a 1912, uma média de 10.000 homens saíam definitivamente de Moçambique, todos os anos na grande maioria do Sul do Save<sup>29</sup>.

Os dados acima indicados mostram que muitos moçambicanos na década 20 do século XIX migravam para as terras do Rand à procura de trabalho e fugindo ao xibalo.

Na Suazilândia os trabalhadores ilegais concentram-se nas farmas de Simunye e Big Bend e vagueiam as ruas de Mbabane e Manzini.

É de realçar que Moçambique chegou a ter mais de 50% da força laboral estrangeira nas minas da África do Sul<sup>30</sup>.

É de notar que por razões diversas a migração para a África do Sul é superior a migração para Suazilândia. Pois o trabalho na África do Sul é mais rentável do que na Suazilândia. Assim com a guerra em Moçambique particularmente no Sul, a partir de 1977 milhares de moçambicanos deslocaram-se à procura de refúgio e de trabalho transfronteiriço.

A fome e a seca também têm repercussões na migração. A seca de 1981-84 que afectou Moçambique fez com que muitos moçambicanos procurassem refúgio na Suazilândia e na África do Sul à procura de melhores condições de vida. A seca e outras catástrofes naturais como epidemias têm um peso de influência na vida social dos camponeses<sup>31</sup>.

<sup>29</sup> HEDGES David. *O Sul e o trabalho migratório*. in *História de Moçambique* vi 2000.p.388.

<sup>30</sup> First, Ruth. *Black Gold: The Mozambican miner, proletarian and peasant*. 1983.p.32-33.

<sup>31</sup> HERMELLE. Kenneth. *Migration and Starvation. An essay on Southern Africa*. Maputo. 1984



### 3.2. TENDÊNCIAS MIGRATÓRIAS NO PERÍODO DA GUERRA

O período em estudo 1984-1992 era um período da guerra em que famílias inteiras se refugiaram em países vizinhos, como afirmou uma das entrevistadas: “Eu migrei para a Suazilândia em 1985 por causa da guerra, não era possível cultivar nada os bandidos saqueavam tudo”.

Segundo os residentes de Namaacha, a Renamo possuía uma base nas montanhas e fazia incursões à vila e aos postos administrativos de Namaacha no período nocturno e às vezes em pleno dia. A população de Namaacha quando sofria ataques da “Renamo” procurava refúgio fora das fronteiras nacionais e passava de um lado para outro e depois regressava, alimentando correntes de migrações temporárias.

Com a fome no período de 1981-84, centenas de mulheres atravessavam a fronteira com destino a Suazilândia. Elas compravam produtos para vender e voltavam com produtos para revender e abastecer o mercado local em Maputo<sup>32</sup>.

Este cenário que se desenvolve entre Maputo e Suazilândia fez surgir paulatinamente o fenómeno “Mukhero<sup>33</sup>” em Namaacha. Este fenómeno foi-se agudizando com a

---

<sup>32</sup> Sr.Maíta.Chefe da migração em Namaacha entrevistado em 2.11.05

<sup>33</sup> Mukhero –Processo no qual jovens e mulheres transportam mercadorias na cabeça para fugir ao fisco na fronteira de Namaacha e Ressano Garcia.

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

migração e a saída de muitas mulheres com receio de pagarem os direitos alfandegários.

O colapso da economia rural foi agravado pela intensificação do conflito armado a partir de 1984, dando lugar ao fluxo migratório da população em busca de refúgio na África do Sul e Suazilândia. Por sua vez Alguns migrantes que se tinham estabelecido na Suazilândia procuravam meios para ter acesso ao mercado laboral sul-africano<sup>34</sup>.

É comum ver -se jovens moçambicanos no “bus ring<sup>35</sup>” em Manzini a venderem um pouco de tudo como vendedores ambulantes. Estes jovens procuram ganhar a vida mas não possuem nenhum documento de identificação.

Em Namaacha não há emprego para a maioria dos jovens. Como consequência os jovens migram à procura de melhores condições de vida nos países vizinhos como a Suazilândia e África do Sul.

As condições de emprego, salário alto e bom nível de vida são enumeradas como principais factores de atracção da migração estrangeira nos países vizinhos.

Por exemplo, um trabalhador migrante nas minas nos anos 90 ganhava 6 vezes mais na África do Sul do que ganha um trabalhador médio em Moçambique ( o

---

<sup>34</sup> MCGREGOR.JoAnn. *People without fathers in Swaziland* .p16 citado por Machava. p.16.1995

<sup>35</sup> Bus ring –local de entrada e saída de autocarros e transportes públicos .

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

moçambicano ganha 30 000 por dia enquanto na África do Sul ganha 6 randes por hora) .

No período de 1981-84 o país viveu uma seca prolongada que resultou em fome, como consequência as populações, migraram para ter acesso a água e melhores condições de vida uma vez que não era possível a prática da agricultura.

Em Changanane praticava-se uma agricultura de guerra, visto não poderem ficar na machamba, isto é uma agricultura praticada nos dias em que não havia movimentos de homens da Renamo, havia dias que fugiam dos ataques por isso denominou-se agricultura de guerra.

As epidemias como praga de gafanhotos, cheias fazem com que a população procure refúgio em zonas mais agradáveis de viver. Segundo Dulce Maria “ não havia nada nas lojas, não se produzia nada na machamba e a fome obrigou a família inteira a procurar refúgio na vizinha Suazilândia<sup>36</sup>.”

No entanto estudos realizados em torno desta temática são unânimes a considerar que a causa primária da migração, é a oferta de salários relativamente melhores nos países de economia forte, produção agrícola deficitária, a procura de trabalho assalariado como forma de acumular capital para o pagamento de lobolo, dentre outros factores<sup>37</sup>.

---

<sup>36</sup> Dulce Maria, entrevistada em Namaacha, a 10.11.06.

<sup>37</sup> MACHAVA, Adérito. *Migrações e transformações sociais em Matutuine, 1970-2000*. dissertação.2003.p

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

Apesar da expansão de oportunidades de emprego e aumento de controlo da migração estrangeira, muitos suazis continuam a trabalhar na África do Sul, devido aos baixos salários. Esta tendência levou paulatinamente a falta de trabalhadores na indústria do açúcar e dependência da importação de mão-de-obra, principalmente de Moçambique<sup>38</sup>.

De facto os trabalhadores Suazis preferem as minas, pois tem dificuldade de encontrarem emprego na Suazilândia ou porque o trabalho nas farmas ou nas florestas, citrinos e indústria de açúcar na Suazilândia envolve baixos salários e trabalho árduo<sup>39</sup>.

Segundo Covane o trabalho migratório possibilitou o pagamento do lobolo em dinheiro, facilitou também a introdução da charrua no Sul de Moçambique segundo Covane<sup>40</sup>.

No período que se seguiu à independência o pico de trabalhadores moçambicanos na África do Sul atingiu o seu auge em 1975 com cerca de 143.000 trabalhadores. Esta cifra baixou para cerca de 43000 trabalhadores em 1976 e continuou a baixar até aos anos 80<sup>41</sup>.

---

<sup>38</sup> FION de Vletter, Doran M, Low A and Amanh p. *Labour Migration to South Africa . The Swaziland case study* .p 432-440

<sup>39</sup> FION de Vletter, Doran M, Low A and Amanh.P. *Labour migration to south Africa.The Swaziland case study*.p432-441.

<sup>40</sup> COVANE ,Luís A. *O trabalho migratório no Sul de Moçambique ( 1920-1992) . Promédia* .2001.P.128-140.

<sup>41</sup> HEAD, Judith. In JCAS .V13 N 1.1995.

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

A independência de Moçambique trouxe consigo nova forma de governo, o governo socialista da Frelimo que queria uma melhor gestão da situação dos trabalhadores moçambicanos em terras sul-africanas. O medo dos sul-africanos por ideais nacionalistas socialistas obrigou a diminuição de trabalhadores moçambicanos nas minas de carvão e ouro.

Por sua vez a saída em massa de colonos Portugueses de Moçambique, destruindo maquinaria e machambas, o fecho do círculo comercial das cantinas rurais, as cheias de 1977, os ciclones, as secas de 1981-84 provocou um movimento de migrantes moçambicanos para a Suazilândia. Assim a diminuição de trabalhadores abriu caminhos a migração clandestina na África do Sul e intensificou a migração para a Suazilândia.

Na zona Sul a guerra intensificou-se a partir de 1984, este recrudescimento da guerra obrigou a migração à procura do refúgio e do trabalho transfronteiriço. Nessa altura o número de trabalhadores clandestinos aumentou.

Segundo Judith Head O número de trabalhadores mineiros na África do Sul entre 1987-1993 não ultrapassou os 43.176<sup>42</sup>.

No período entre 1984-1992, o número de emigrantes cresceu devido a guerra, a insegurança fez com que as populações procurassem refúgio em locais mais seguros e de trabalho transfronteiriço.

---

<sup>42</sup> HEAD, Judith.in JCAS.V13.1.1995.P92-119.

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

Por outro lado no período pós guerra civil a migração diminuiu pois os moçambicanos começaram a ser repatriados. Estima-se que cerca de 8.000 a 9.000 moçambicanos foram repatriados da África do Sul e da Suazilândia atravessaram a fronteira de Namaacha<sup>43</sup>.

O número de trabalhadores clandestinos nas farmas aumentou no período de 1984-92, estima-se em cerca de 200.000 trabalhadores ilegais moçambicanos a trabalhar no Transval.<sup>44</sup>

O período pós guerra civil, trouxe consigo o aumento de desempregados, com o regresso de 15.000 a 17.000 moçambicanos da ex. R.D.A, os desmobilizados de guerra tanto do governo da Frelimo como da Renamo que não encontraram empregos obrigou-os a emigrar ou procurar meios de sobrevivência<sup>45</sup>.

#### **IV. MIGRAÇÕES PARA SUAZILÂNDIA E TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-ECONÓMICO NAS COMUNIDADES LOCAIS DE NAMAACHA**

Este capítulo pretende analisar as implicações sócio – económicas do trabalho migratório nas comunidades de Namaacha particularmente no seio familiar.

---

<sup>43</sup> Idem

<sup>44</sup> Bidem

<sup>45</sup> Jornal Notícias de 04.08.94

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

Covane no seu livro, o trabalho migratório e a agricultura no Sul do Save (1920-1992), descreve com pormenor que emigrantes de Inhamissa enviavam produtos diversos às suas famílias e utensílios domésticos para a agricultura<sup>46</sup>. Segundo o mesmo autor alguns prosperavam com uma frota de transporte e quiosques em Xai-Xai, era notório somente emigrantes letrados serem bem sucedidos nos seus negócios.

No entanto Machava na sua tese dá – nos também exemplo de migrantes que prosperavam independentemente da sua formação escolar<sup>47</sup>.

Alguns dedicavam-se a agricultura e outros dedicavam-se ao ramo de transportes.

Em épocas de seca, calamidades e guerra, o trabalhador migrante é a principal base de sustento da família que fica na terra.

Um mineiro quando está a trabalhar envia para a sua família alimentos e bens como enxadas, charruas e vestuário. Os seus familiares com a força humana e tracção animal trabalham a terra e daí colhem dividendos que lhes apoia mesmo em tempos de crise.

Outros compram um autocarro de quinze lugares que faz o transporte de pessoas e bens e traz rendimentos para os seus familiares.

---

<sup>46</sup> COVANE, Luís António. *O Trabalho Migratório e a Agricultura no Sul de Moçambique (1920-1992)*. Maputo. Promédia .2001.P 190-209.

<sup>47</sup> MACHAVA, Adérito Júlio. *Migrações transfronteiriças e transformações sociais em Matuíne . 1970s -2000*. Tese de Licenciatura. Universidade Eduardo Mondlane.2003.

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

Os emigrantes na Suazilândia seguem o mesmo exemplo, ajudam as suas famílias a ganhar rendimentos, como atesta a história dos sete entrevistados que se segue:

.Michele Bambo de 40 anos de idade, natural de Namaacha, emigrante, trabalhador na cidade de Mbabane, durante a guerra era estudante, migrou pela primeira vez em 1980. Afirma que entre 1981-83 ajudou a família em Namaacha pois a seca não permitia produzir nada, ele enviava comida e dinheiro para ajudar a família

A primeira vez que fui a Suazilândia foi com estatuto de refugiado e fomos acolhidos no campo. A vida no campo era penosa fugiu do campo e fui procurar a vida em Mbabane onde encontrei trabalho como motorista. A vida no tempo da guerra era penosa, não tinha quase nada, os meus pais ganhavam pouco, com a migração melhoramos de vida. Quando a guerra iniciou eu e a minha família vivíamos aqui em Namaacha, fomos obrigados a migrar, eu deixei a escola e fui obrigado a trabalhar para ajudar os meus pais. Com o tempo acumulei dinheiro para lobolar a primeira esposa. Comprei uma carinha que faz “chapa cem “e ajuda a família. Semanalmente escrevo e telefono para família, quando venho para a casa trago roupa, comida, mantimentos e material para a machamba. Eu envio mensalmente dinheiro e comida para a minha família

Eu continuei a trabalhar na Suazilândia e ajudo a minha família, a minha vida como da minha família mudou muito desde que trabalho na



A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

Suazilândia, a minha casa foi melhorada já tem energia e água o que não tinha antes<sup>48</sup>.

Glória de 36 anos de idade, solteira, emigrante é natural de Namaacha vive e trabalha em Mbabane, quando a guerra iniciou ela era modista na vila. A vida era difícil, não cultivava nada, a guerra não possibilitava a prática da agricultura.

Migrei sozinha em 1988 à procura de melhores condições de vida, fui trabalhar como modista numa alfaiataria em Manzini. Semanalmente comunico-me com a família através de celular, e todos os anos no mês de Dezembro visito a família pois nessa altura estou de férias. Envio trimestralmente comida para minha família.

A vida da minha família melhorou bastante com a minha ajuda. Ajudo a pagar os estudos dos meus irmãos e a minha mãe tratou da sua machamba<sup>49</sup>.

Uma outra entrevistada, Marta Langa de 45 anos de idade, casada natural de Namaacha, emigrante trabalhou numa loja perto de Lomaacha durante dez anos, tendo migrado pela primeira vez em 1989. A vida da sua família no tempo da guerra

---

<sup>48</sup> Michel Bambo entrevistado em Namaacha a 06.11.05

<sup>49</sup> Gloria entrevistada em Changalane a 04.11.05

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

era penosa, viviam a fugir para fronteira e não estudavam , em 1989 ela e os seus pais foram para Suazilândia, ela trabalhou numa loja e ficou por lá. Com o seu salário ajudava a família na vila de Namaacha onde os seus irmãos trabalham a terra. Para além de enviar in sumos agrícolas para a família, possui 4 hectares de cultivo que ajudam a obter algum rendimento. Marta Langa afirma ainda que a família com a sua ajuda e do trabalho na machamba melhorou de vida. A casa já possui energia e possui também um fontanário que abastece a vizinhança.<sup>50</sup>No entanto com a reabertura do Hotel Xisaka em 2003, voltou para Namaacha para trabalhar como pasteleira naquela instância turística.

Uma experiência de emigrante com relativo sucesso de auto –emprego é nos relatada por: Osvaldo Sumbane“ de 52 anos de idade, casado.,emigrante, natural de Changalane. Sumbane trabalha como mecânico a conta própria desde 1987 em Mbabane. Mecânico antes da guerra e devido a ela saiu de Changalane e foi montar uma oficina em Manzini, onde se encontra a trabalhar até ao presente. Sumbane pode considerar-se um homem realizado pois tem a sua própria oficina na qual emprega mais de dez. moçambicanos que por lá aparecem.

Telefona semanalmente a família, envia sempre que pode, comida e material agrícola para sua família através da compra de ancinhos, enxadas, catanas para trabalharem a terra. Para Osvaldo Sumbane o trabalho na Suazilândia dá-lhe grandes rendimentos, o que faz com que ele aposte na agricultura para ajudar a sua família a ganhar rendimentos.

---

<sup>50</sup> Marta Langa entrevistada em Namaacha a 07.11.05

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

Assim com o dinheiro da machamba, os irmãos vão à escola e compram alimentos.

Vasco Sitóe, de 38 anos de idade, casado natural de Namaacha, trabalha numa fábrica de óleo em Manzini desde 1998, relata a sua experiência e sonhos nos seguintes termos:

Fui à Suazilândia depois da guerra à procura de emprego pois na vila não havia trabalho. Mensalmente eu envio comida e dinheiro para minha família, mas ainda não possuo capital suficiente espero fazer poupanças para comprar uma carrinha.

Quando a guerra iniciou eu e os meus irmãos vivíamos aqui na vila, sempre que houvessem ataques refugiávamos na fronteira. O meu trabalho consiste em embalar garrafas nas caixas, faço isso há mais de seis anos, e ganho cerca de 600 R<sup>51</sup> por mês.

Por seu turno Ângelo Nhamposse, natural de Namaacha, de 64anos de idade, ex – trabalhador da mina de carvão de Mpaka de 1985-2004, recorda-se da sua experiência como trabalhador migrante nos seguintes termos:

Fui a Suazilândia pela primeira vez em 1983 quando a guerra ainda não tinha iniciado em Namaacha.

O primeiro emprego que consegui foi de jardineiro em Mbabane e ganhava muito pouco, larguei o emprego de jardineiro e me empreguei na mina em 1985.

---

<sup>51</sup> Vasco Sitóe entrevistado em Namaacha a 09.11.05

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

Quando trabalhava enviava comida mensalmente para a minha mulher e filhos. Acumulei dinheiro e construí uma casa de alvenaria tipo 2 coberta de chapas. Em 2004 reformei e regressei a Namaacha onde trabalho por conta própria, possuo uma barraca onde se vende desde bebidas a outros bens<sup>52</sup>

Outro ex-trabalhador migrante é Anselmo Quive de 54 anos de idade, casado, ex-trabalhador da açucareira de “ Simunye” desde 1978 e conta a sua história nos seguintes termos: Migrei sozinho para Suazilândia e encontrei emprego numa açucareira, o meu primeiro contrato durou dois anos e renovei mais sete vezes. Portanto eu era do sector de corte de cana durante a época da colheita e era trabalhador sazonal pois após a colheita ficava no desemprego. Quando trabalhava, após o regresso trazia comida e mantimentos para a minha família.

O meu salário não permitiu grandes obras mas tenho uma casa maticada com pedras da Namaacha, possuo um fontanário em casa, os meus filhos estudam. Vivo com a minha mulher e os meus três filhos em Changalane possuo uma pequena machamba que ajuda a subsistência da família<sup>53</sup>

Em Namaacha, um dos grandes impactos das relações transfronteiriças é o abastecimento em mercadorias que abastecem o mercado formal e informal, feito pelas senhoras que entram na Suazilândia, como ilustra os exemplos que se seguem:

---

<sup>52</sup> Ângelo Nhamposse entrevistado em Namaacha a 09.11.05

<sup>53</sup> Anselmo Quive, entrevistado em Namaacha a 11.11.05

Maria Inês, de 39 anos de idade, negociante desde 1990 compra produtos diversos na Suazilândia e abastece os comerciantes da vila e ao mercado informal, e com o dinheiro do seu negócio sustenta os seus filhos.

Vários jovens estão envolvidos na compra e transporte de produtos na fronteira para abastecerem o mercado da vila de Namaacha. A história de Samuel retrata esse “modus vivendis”.

Samuel Rungo, veio da província de Inhambane em Vilanculos, à procura de um primo que o pudesse ajudar a procurar emprego. Rungo não possui família na vila de Namaacha e pensa em migrar para Africa do Sul para poder trabalhar, para tal feito vem acumulando dinheiro do negócio que desenvolve. Enquanto o sonho não se concretiza, Samuel vai praticando o mukhero<sup>54</sup>. As senhoras do Maputo dão -lhe dinheiro para comprar produtos na fronteira da Suazilândia para o seu abastecimento. Com o rendimentos do mukhero, Samuel aluga um quarto numa casa da vila, e garante a sua sobrevivência e compra de vestuário.

O mesmo acontece com Afonso Tovela, jovem de 30 anos de idade, praticante do mukhero há 10 anos. Segundo ele o mukhero ajuda-o a sobreviver, pois com o dinheiro ganho consegue alugar um quarto, comer e vestir.

Entre os jovens do mukhero existem os que conseguem ter mais clientes e chegam a conseguir mais de 100.000. Mt por dia. Agora com a abolição dos vistos só quem

---

<sup>54</sup> Samuel Rungo entrevistado em Namaacha a 07.11.05

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

possui passaporte é que atravessa a fronteira e desse modo acabaram as facilidades para os residentes de Namaacha<sup>55</sup>.

Centenas de jovens praticam o mukhero como actividade de subsistência na falta do emprego. No entanto, a maioria dos jovens que se dedica a esta actividade não é natural de Namaacha.

As famílias que têm um ou mais membros como emigrantes têm um nível social relativamente considerável. Os emigrantes proporcionam aos seus vizinhos um pouco de diversão, as suas casas possuem uma fonte de água que permite a comunidade ter água potável e limpa. Providenciam acesso a água potável mediante cobrança de valores monetários muito exíguos ao alcance da comunidade da vila.

Na casa do emigrante é notório existir um aparelho de DVD o que faz com que as pessoas se concentrem aos sábados e domingos para assistir um filme<sup>56</sup>.

A migração para Suazilândia não permite grandes receitas em dinheiro mas para quem poupa é possível fazer investimentos nos transportes, numa barraca e aquisição de instrumentos agrícolas e in sumos.

Em Namaacha os emigrantes no seu regresso a casa para além de transferência de remessas e outras formas de ajuda a família trazem também o Know –How aprendido

---

<sup>55</sup> Afonso Tovela entrevistado em Namaacha a 08.11.05

<sup>56</sup> Factos observados durante a pesquisa de campo..

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

na Suazilândia encontrando-se desde marceneiros, agricultores e alfaiates que trabalham na vila.

Em Chagalane, ex emigrantes formaram uma associação, como ilustra o depoimento seguinte:

" Nós fundamos uma associação que trabalha a terra e cria gado, abastecemos o mercado local e de fora, existem pessoas que vem do Maputo para comprar as nossas hortícolas"<sup>57</sup>.A nossa associação tem mais de 100 membros possui, 6 machambas de 5 hectares cada onde cultivamos: milho, amendoim, feijão etc.

Possuímos também um galinheiro com 300 galinhas, 60 cabeças de gado caprino e suíno respectivamente.

A associação tem boas perspectivas, para o futuro pretende comprar uma carinha para abastecer o mercado interno e externo.Temos uma creche em que os filhos dos associados e da comunidade frequentam, nós ajudamos os membros mais vulneráveis a comprar comida e vestuário. Para uma melhor organização interna cobramos uma cota simbólica para os membros mais antigos para pagarmos despesas correntes.

Da apreciação dos vários depoimentos sobre a experiência de trabalho migratório na Suazilândia e seu impacto pode-se concluir que em Namaacha.O rendimento dos emigrantes na Suazilândia é um factor relevante pois proporciona a rentabilização das famílias e da comunidade.

---

<sup>57</sup> entrevista colectiva em Chagalane 12.11.05.

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

O uso de alfaias agrícolas trazidas pelos emigrantes pela comunidade facilita o trabalho na machamba. Por outro lado, alguns emigrantes possuem carinhas que fazem “chapa cem”, o que permite o transporte de pessoas e bens.

As famílias dos migrantes são respeitadas porque têm um estatuto social alto dentro das comunidades, apresentam-se melhor trajadas, e por vezês os seus filhos têm uma bicicleta, brinquedos etc. Isto mostra que existe uma diferenciação social, as famílias dos migrantes são diferentes do resto da comunidade em termos de posse e capital.



#### 4.1 CONCLUSÃO

Ao analisar a dinâmica migratória para Suazilândia e as transformações sociais e económicas salienta-se o seguinte:

O movimento de pessoas que viajam a Suazilândia por diversos motivos, tais como: a procura de emprego nas açucareiras de Simunye e Big Bend, nas minas de carvão entre outros empreendimentos. Os emigrantes migram devido a falta de trabalho nos locais de origem, atraídos por melhores salários nas economias fortes dos países vizinhos.

O trabalho migratório para Suazilândia não permite uma grande acumulação de rendimentos semelhante ao que ocorre para África do Sul. De facto, o trabalho árduo e baixos salários retraem a presença de Swazis na Suazilândia, o que leva muitos swazis a deixarem o seu país, migrando para África do Sul, criando um défice de mão-de-obra local havendo por isso necessidade de emprego de mão-de-obra estrangeira, principalmente moçambicana.

Das entrevistas feitas permite-nos concluir que a emigração para a Suazilândia possibilitou a melhoria de vida ao nível social e económico dos entrevistados em Namaacha e Changanane.

Algumas famílias dos emigrantes possuem casas de alvenaria, fontanários nas suas casas e pequenos negócios que as permite ter um nível considerável de vida, para além de

investimentos em machambas para a sua sobrevivência em tempo de crise e mesmo para obtenção de alguns rendimentos.

Um segundo movimento é constituído por mulheres que viajam à Suazilândia para comprarem produtos para posterior venda na cidade do Maputo e arredores, estas abastecem o mercado formal e informal.

Uma das transformações sociais e económicas desse movimento de mulheres que ocorre em Namaacha é a existência do “mukhero”. Esta actividade informal sustenta centenas de famílias que vivem num raio de 20 quilómetros do bairro da fronteira de Namacha.

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

## BIBLIOGRAFIA

### TESES E ARTIGOS NÃO PUBLICADOS

NEVES-TEMBE, Joel das. “Economy, Society and Labour Migration in Central Mozambique”, 1930-1960: a Case Study of Manica Province .PhD Thesis.University of London.1998.

MACHAVA, Adérito Júlio. “Migrações transfronteiriças e transformações sociais em Matutuíne”. 1970’s -2000. Tese de Licenciatura.Universidade Eduardo Mondlane.2003.

MCGREGOR, JoAnn. *Staking their claims: Land disputes in Southern Mozambique*. Oxford. 1995.

MATUCHO, António. “Uma contribuição para o estudo dos assentamentos urbanos: o caso da vila de Namaacha”, 1960-1966.Tese de Licenciatura. Universidade Eduardo Mondlane.Maputo.1996.

PIRES, Elizete Marcia Pinto. “Monografia do distrito de Namaacha”. Tese de Licenciatura. Universidade Eduardo Mondlane.Maputo.1995.

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

#### MONOGRAFIAS E ARTIGOS PUBLICADOS

ACNUR/ PNUD. *Perfis de Desenvolvimento distrital: Distrito de Namaacha*. Maputo.1997.

COVANE, Luís António. *O Trabalho Migratório e a Agricultura no Sul de Moçambique (1920-1960)*. Maputo: Promédia.2001.

DAVA, Fernando. *Repatriation in Southern Africa: The case of Mozambique and its neighbours*. Pretória.2002.

FIRST,Ruth.*Black Gold, The Mozambican Miner, Proletarian and Peasant*.1ed.Harvest Press.Sussex.1983.

FION DE VLETER ET ALL.Labour migration to South Africa: Swaziland a case study. Paris.2004.

Government of Swaziland.*Third National Development Plan. 1978/79/1981-83*

HARRIES,Patrick. *Work, Culture and Identity:Migrant Labour in Mozambique and South Africa , c 1850-1910*.Witwatersrand.1994.

HEAD, Judith. Migrant mine labour from Mozambique: Employment prospects and policy options in the 1990s.in “JCAS”,V13.N1.1995.P.91-120.

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio – económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

HERMELLE, Kenneth. *Migration and Starvation. An essay on Southern Africa.*Maputo.1984.

MCGREGOR, JoAnn. “*Os Moçambicanos na Swazilândia 1888-1993*”.AHM.Nº 17. Maputo.1995. P.5-56.

MCGREGOR, JoAnn.”*People without fathers: Mozambicans in Swaziland.1888-1993*”. In JSAS.20,(4).P545-567.

MURRAY,Colin.*Families Divided: The Impact Of Migrant Labour in Lesotho.* Cambridge. Cambridge University Press.1981.

O’ MEARA, Dan. DLAMINI, Siphó.DAVIES, Robert, H. *The Kingdom of Swaziland: A profile.* Zed books.1985. P81

YUSSUF, Adam. “*O Sul e o trabalho migratório*”.In SERRA, Carlos.História de Moçambique Vol.I.Livraria Universitária.Maputo.2002.

## PERÍÓDICOS

-DAVA, Fernando e FANIQUISSO, António.*Machangalane: História sócio-económica.*Maputo 1996. in *Notícias*

NOTÍCIAS DE 6.04.04

## ENTREVISTAS

Ângelo Nhanposse. Namaacha. 10.11.05

Anselmo Quive. Namaacha. 11.11.05

A dinâmica migratória de moçambicanos para Suazilândia e transformações sócio –  
económicas nas comunidades locais de Namaacha, 1984-1992.

Maíta.Namaacha.2.11.05

Gina. Namaacha.6.11.05

Dulce Maria.Namaacha.10.11.05

Michele Bambo. Namaacha.6.11.05

Marta Langa.Namacha.07.11.05

Maria Inês.Namaacha.07.11.05

Maria Sambane.Namaacha04.11.05

Oswaldo Sumbane.Namaacha.08.11.05

Glória. Changalane.04.11.05

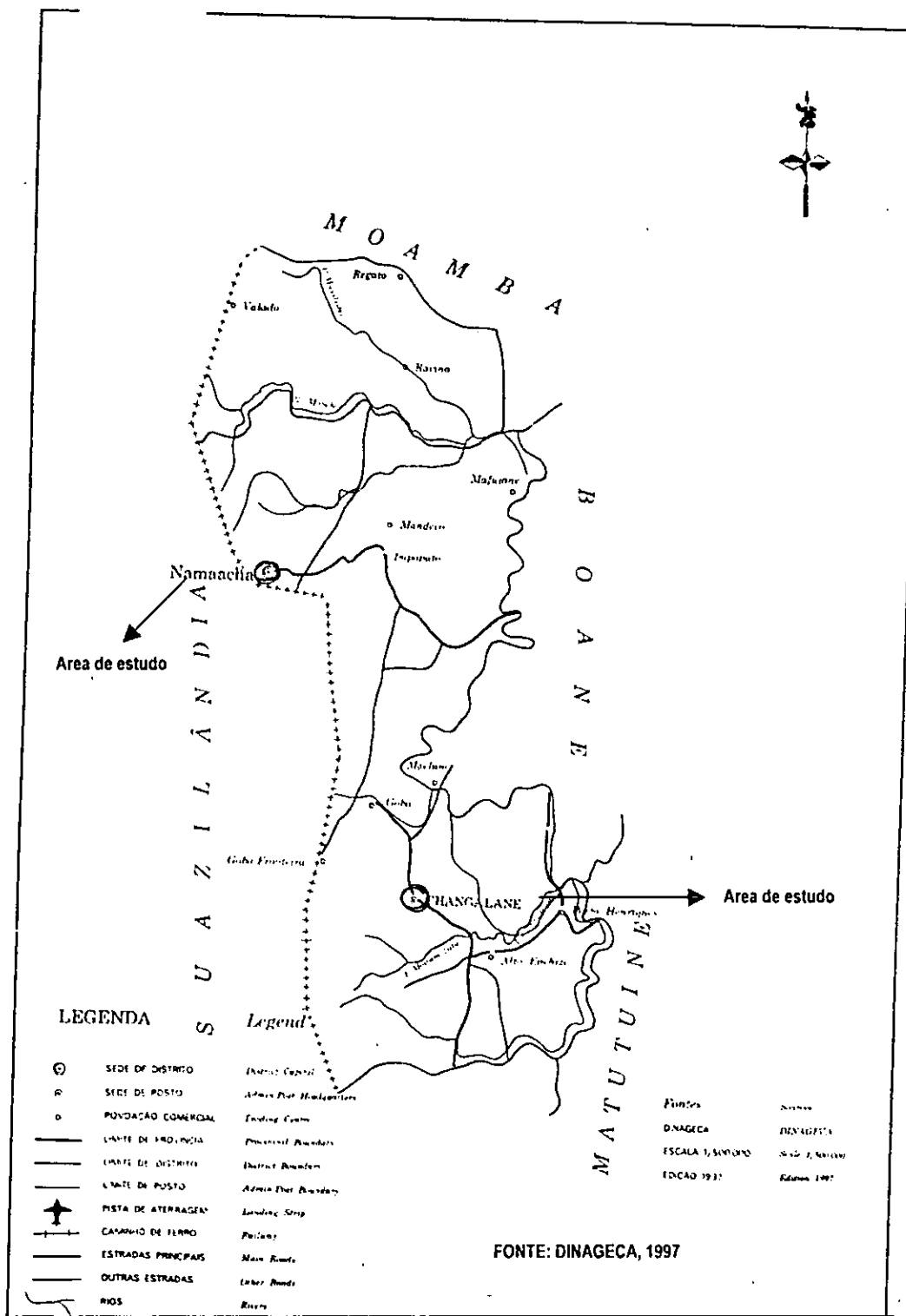
Muchaninha Santos.Manzini.24.11.05

Vasco Sitóe. Namaacha .09.11.05

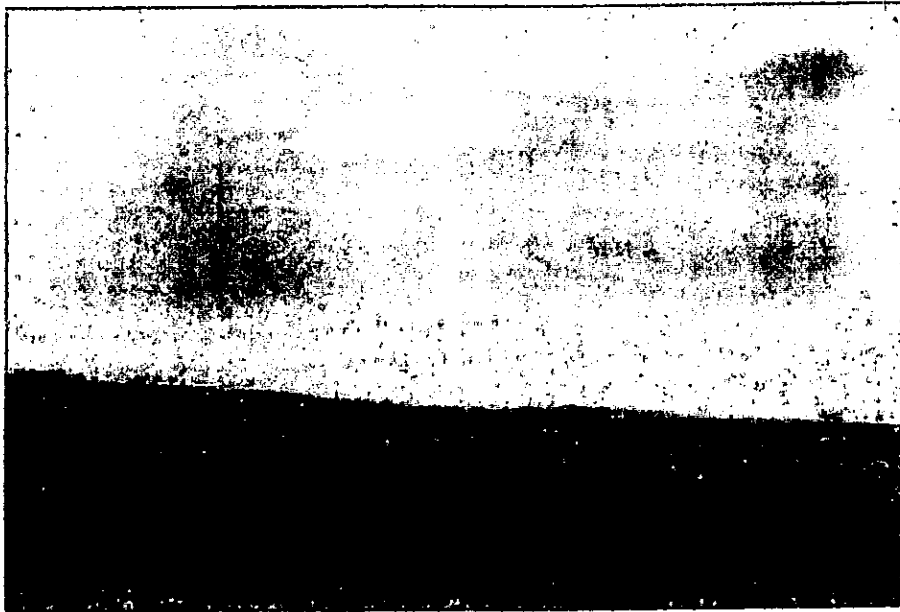
Colectiva( 3 mulheres e 3 homens).Changalane.12.11.05

Colectiva(6 jovens) .Namaacha.08.11.05

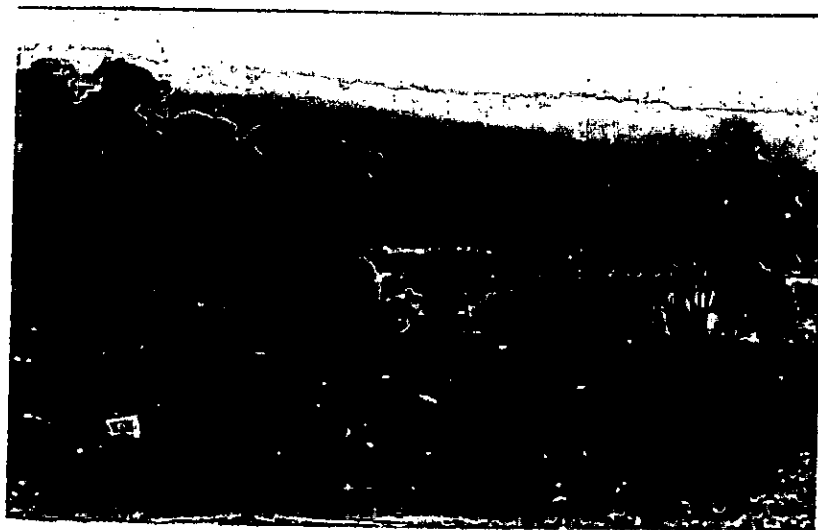
# ANEXOS



**ANEXOS**

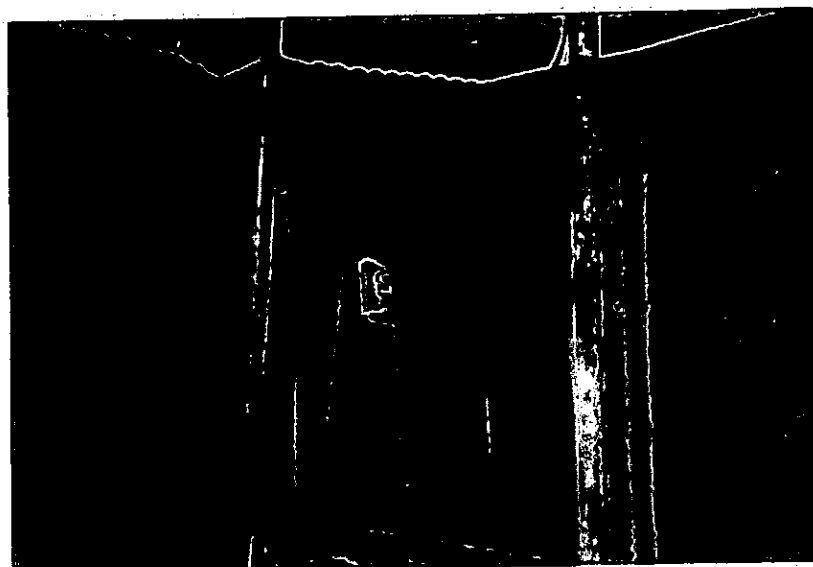


**PAISAGEM DE NAMAACHA**

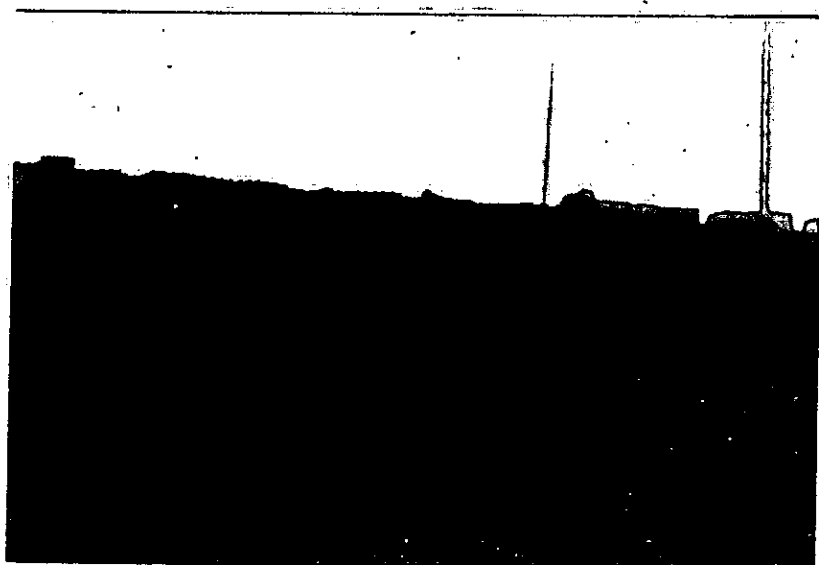


**ÁREA AGRÍCOLA DE NAMAACHA**





**CASA COM ENERGIA**



**CASA TÍPICAMENTE RURAL DE  
NAMAACHA**

# Curriculum vitae

## 1. Identificação

Apelido: Muendhane

Nome: Bernardo António

Filiação : Bernardo António Muendhane e Maria Gustava Maposse

Data de Nascimento: 22 de Agosto de 1976

B.I.Nº 110250354S

Naturalidade: Maputo

Estado Civil: solteiro

Nacionalidade: Moçambicana

## 2. Habilitações académicas

2004- termino das cadeiras de licenciatura em HISTÓRIA .

1997- entrada para o curso de História na UEM.

1996- Conclusão da 12ª classe na Escola Secundária Josina Machel

## 3. Experiência Profissional

1995 -1998- trabalhei como subgerente e conferente de saldos na Primavera da Coop.

2003-2004- trabalhei como professor contratado na Escola Privada Estrela da Manhã.

## 4. Linguas faladas

Português – falado e escrito fluentemente

Inglês – falado e escrito Fluentemente

Francês – falado e escrito razoavelmente

Changana- falado e escrito razoavelmente

## 5. Contacto

Cel -82-5419116

Fixo- 21-472022

Morada : Bairro 25 de Junho A, Rua 32 casa n. 45